

A visão e seu alvo: reflexões a partir de Rey Chow¹

Danilo Saretta Verissimo²

The vision and its target: reflections from Rey Chow

La visión y su target: reflexiones de Rey Chow

Resumo

Exploramos algumas das principais linhas argumentativas do ensaio de Rey Chow, intitulado “The age of the world target: atomic bombs, alterity, area studies”. Apoiados nele, desenvolvemos pontos relativos à atitude de observação própria do olhar científico, seu cruzamento com tecnologias do ver, inclusive com as presentes na guerra, e ao conseqüente estabelecimento de uma referência sociocultural de relação do observador com seu alvo que, a exemplo do que a autora constata nos estudos de área, pode ser identificado no âmbito dos regimes de atenção que marcam nossa relação com dispositivos de imagem. Com base na referência de Chow a Heidegger, vinculamos a análise das discussões da autora a incursões na fenomenologia.

Palavras-chave: *Visão; Atenção; Ciência; Guerra; Fenomenologia.*

Abstract

We explore some of the main lines of argument from Rey Chow's essay, entitled “The age of the world target: atomic bombs, alterity, area studies”. Based on it, we developed points related to the attitude of observation typical of the scientific look, its intersection with technologies of seeing, including those present in war, and the consequent establishment of a sociocultural reference of the observer's relationship with their target that, as the author notes in the area studies, can be identified within the attention regimes that mark our relationship with imaging devices. Based on Chow's reference to

Heidegger, we link the analysis of the author's discussions to incursions into phenomenology.

Keywords: *Vision; Attention; Science; War; Phenomenology.*

Resumen

Exploramos algunas de las principales líneas argumentales del ensayo de Rey Chow, titulado "The age of the world target: atomic bombs, alterity, área studies". A partir de ello, desarrollamos puntos relacionados con la actitud de observación propia de la mirada científica, su intersección con las tecnologías del ver, incluidas las presentes en la guerra, y el consiguiente establecimiento de un referente sociocultural de la relación del observador con su target que, como señala el autor en estudios de área, se puede identificar dentro de los regímenes atencionales que marcan nuestra relación con los dispositivos de imagen. A partir de la referencia de Chow a Heidegger, vinculamos el análisis de las discusiones del autor a incursiones en la fenomenología.

Palabras clave: *Visión; Atención; Ciencia; Guerra; Fenomenología.*

Introdução

Faz-se necessário pensar a respeito do que percebemos, como percebemos, como somos percebidos, quais são os parâmetros com base nos quais percebemos e quais as condições do observador contemporâneo. Descrições detalhadas das tendências perceptivas que envolvem o sujeito em seu campo sensível exigem a imersão na fisionomia cultural do mundo percebido, levando-se em conta as forças sociais que o atravessam. Carecemos de trabalhos voltados a uma fenomenologia da vida sensível integrada à nossa situação histórica, social e cultural.

Buscamos, no presente artigo, realizar um exercício desta ordem. O caminho que escolhemos seguir é baseado no livro de Rey Chow (2006), *The age of the world target*. A autora, especialista em literatura comparada, não se vincula à fenomenologia, mas sim ao pós-estruturalismo. Um dos principais objetivos de Chow é abertamente foucaultiano: “explorar as condições de possibilidade, os termos nos quais o próprio conhecimento é produzido” (CHOW, 2006, p. 3). O conhecimento moderno é calcado em autorreferencialidade (*self-referentiality*) afirma a autora, não apenas a implicada na supremacia do logos ocidental, que deságua em atitude agressiva de relação com o “outro”, mas, igualmente, a concernente à autor reflexividade envolvida em compreender como o conhecimento se constitui.

Uma das suas preocupações, neste contexto geminado, é estudar o avanço dos estudos de área nos EUA após a II Guerra Mundial. O desenvolvimento dos chamados estudos de área deu-se a partir do deslocamento do poderio geopolítico em direção aos EUA no pós-guerra. Consiste em um maquinário investigativo que envolve, principalmente, pesquisas universitárias, programas educacionais, escritórios de cultura, de informação, missões religiosas, e que ampara e complementa a política externa estadunidense de controle, agressão e ataque. Assim, os estudos de área visam, de modo geral, tornar

áreas culturais alvo, como a Ásia, o Oriente Médio e a América Latina, “mais legíveis, mais acessíveis e mais disponíveis” (CHOW, 2006, p. 15) para o uso político e econômico do grande Self.

Conforme Chow (2006, p. 12), os estudos de área assentam-se em uma “política da visão” herdada das experiências militares atômicas praticadas pelos EUA. Esta afirmação recebe aprofundamento no capítulo do qual advém o título do livro: “The age of the world target: atomic bombs, alterity, area studies”. Nosso objetivo é explorar algumas das principais linhas argumentativas deste capítulo, procurando desenvolver pontos relativos à atitude de observação própria do olhar científico, o seu cruzamento com tecnologias do ver, inclusive as presentes na guerra, e o conseqüente estabelecimento de uma referência sociocultural de relação do observador com o seu alvo que, a exemplo do que a autora constata nos estudos de área, talvez possa ser identificado no âmbito dos regimes de atenção que marcam nossa relação com dispositivos de imagem. Com base na referência de Chow a Heidegger, vincularemos a análise das discussões da autora a incursões na fenomenologia em algumas de suas superfícies de contato com o problema das ciências modernas e da percepção.

O percurso argumentativo do texto começa com uma discussão sobre as dimensões de invisibilidade que cercam os feitos da ciência. O modo distraído com que recebemos e lidamos com eles acaba configurando formas distanciadas de ação no mundo e de relação com os territórios em que vivemos. Na seção subsequente, revisitamos a fenomenologia, mais especificamente as contribuições de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, com o intuito de examinar a atitude científica ou o olhar científico. Consideramos que o recalçamento do mundo sensível no objetivismo reverbera em cada artefato tecnocientífico utilizado por nós.

A atitude objetivista é atrelada, na seção seguinte, às tecnologias representacionais e de visão no domínio militar. Nessa parte do texto,

esperamos que fique delineada, em meio à nossa argumentação, a ideia central do artigo de Chow (2006) de que, na contemporaneidade, o mundo não se configura apenas como imagem, mas como um alvo e, na quarta e última seção do ensaio, amparados pela relação que estabelece entre o objetivismo científico, as tecnologias do ver de aplicação militar e os dispositivos de imagem utilizados em nosso cotidiano, evidenciamos um campo temático em que o olhar recebe uma dupla configuração, como projeção de alvos e de visão capturada: a economia da atenção. Esperamos, com isso, delinear um caminho de pesquisa da atenção fundamentado na crítica ao princípio da projeção de alvos³.

Os feitos das ciências e o esquecimento histórico

No capítulo intitulado “The age of the world target: atomic bombs, alterity, area studies”, Chow parte das explosões nucleares que fecharam a II Grande Guerra. Segundo a autora, as duas bombas atômicas despejadas por bombardeiros estadunidenses sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, em agosto de 1945, possuem um valor epistêmico cujo significado ainda é preciso explorar. Seus impactos permanecem sensíveis “em todos os aspectos da vida humana” (CHOW, 2006, p. 29) desde o término do conflito mundial.

As bombas nucleares eram os artefatos mais avançados da ciência daquela época. Causa espanto, diz Chow (2006, p. 28), que, em meio a processos para calcular, experimentar, objetivar e conceitualizar cada vez mais refinados, a ciência moderna, no seu feito de maior escala destrutiva, tenha se deixado representar em forma simplificada de “pronta visibilidade”: a fórmula $E=mc^2$, que resume a teoria da relatividade de Einstein. Isso mostra que a ciência

3 Convém destacar que o estudo de Chow (2006) volta-se às instituições contemporâneas desde uma perspectiva epistemológica, daí a ênfase de nossas análises na ciência moderna, na tecnociência e no objetivismo que as sustentam. Um olhar focalizado especialmente na dimensão cultural e social das instituições contemporâneas destacaria a faceta do objetivismo ligado às práticas capitalistas, profundamente vinculadas à ciência moderna e à tecnociência. Na última parte do presente artigo, situamo-nos mais abertamente no território comum da epistemologia e da cultura.

moderna comporta, conforme sugere a autora, um paradoxo que a torna avançada e codificada, complexa e acessível. Nesse sentido, Chow recorre a Heidegger para tratar da condição paradoxal do avanço tecnocientífico.

No célebre ensaio “A época das imagens de mundo” (*Die Zeit des Weltbildes*), Heidegger aborda a contradição da ciência nos termos de um gigantismo que se disfarça em formas diversas, inclusive numa tendência a aparecer de modo atenuado, com inclinação ao apequenamento, ou mesmo ao desaparecimento de si ou das coisas implicadas na sua atividade. Tem-se, por exemplo, o trabalho com substâncias de escala atômica e “a aniquilação de grandes distâncias” (HEIDEGGER, 1994, p. 124), mediante a utilização do avião, dos trens, do rádio e, hoje em dia, da internet.

Operemos um primeiro desvio em relação ao texto de Chow (2006), com o intuito de analisar mais detidamente nossa relação com o paradoxo dos feitos da tecnociência no contexto da modernidade capitalista. Sucede, na experiência mediada pelos aportes tecnocientíficos, uma dupla invisibilidade: a do instrumento e a do território vivido. Se por vezes ainda nos surpreendemos com a existência de equipamentos como as aeronaves, ou mesmo um computador, fato é que, a não ser que falhe, o artefato técnico tende a desaparecer no uso que fazemos dele. Os dispositivos que utilizamos com destreza e segurança, assentes no hábito adquirido de forma metódica ou por referência social cotidiana, ocultam-se ao nosso olhar. Na medida em que são incorporados, deixam de nos interessar, de requerer a nossa atenção, e são assimilados à atividade intencional. Utilizamos o computador, com seus programas e utensílios, para escrever, para realizar uma interação virtual ou para efetuar uma pesquisa em um site da web. Não nos preocupamos com o instrumento, já apropriado como extensor de nossas capacidades de ação e de percepção, mas com aquilo que almejamos fazer.

A invisibilidade do artefato não se deve apenas à sua incorporação como instrumento, mediada pelo hábito. Grande parte dos equipamentos que

utilizamos é desconhecida por nós no que concerne às teorias, aos experimentos e aos preceitos técnicos que lhe conferem a possibilidade de existir. São igualmente ocultas as cadeias produtivas que vão dos recursos naturais à transformação, à distribuição de materiais e de mercadorias e à exploração do trabalho, inclusive do trabalho dos próprios consumidores, quando se trata de tecnologias digitais (CRAWFORD; JOLER, 2018). Esta forma de invisibilidade pode ser associada ao que Giddens (1991) chama de sistemas peritos. Estes abrangem, justamente, sistemas e procedimentos que não conhecemos e não compreendemos totalmente, que vêm se multiplicando sob a égide do capitalismo contemporâneo. Os sistemas ou processos desconhecidos, como aqueles que sustentam a produção e o funcionamento de um computador, os quais são ignorados pelo leigo em engenharia computacional, constituem, segundo o autor, uma forma de ausência, um invisível. O leigo faz uso do computador sem se inquietar diretamente com o seu sistema produtivo e técnico. Este é negligenciado e cai no esquecimento, configurando uma espécie de distração.

Se por meio do emprego do artefato técnico passamos a nos deslocar e a obter informações com menos esforço, dá-se, igualmente, o afastamento no intangível das distâncias, dos lugares e das ações que, sem ele, seriam experimentados necessariamente de forma mais próxima, quer dizer, no contato corpóreo com o espaço, com os materiais e com as outras pessoas. No que diz respeito ao território, o próprio Giddens (1991) ressalta que o advento da modernidade impulsiona, igualmente no âmbito do vínculo entre o espaço e contextos de presença, relações entre ausentes. Neste ponto, continua em discussão o atravessamento, aqui e agora, de influências sociais distantes, mas a ênfase recai na problematização do próprio cenário da atividade social. Voltemos ao exemplo do computador, interessados, dessa vez, nas interações virtuais que a máquina, ligada à rede mundial, permite efetivar. No teletrabalho, realizam-se interações profissionais antes executadas em locais como escritórios, universidades ou mesmo hospitais, alterando a forma das

atividades em campos tais como a administração, a educação e a medicina. O território, nesses casos, dá lugar a ocorrências estabelecidas na conjugação de cenários distantes uns dos outros. Tempo e espaço se desencaixam. No “agora” passo a me ocupar intensamente com elementos que não estão necessariamente “aqui”, junto de mim. Ou, no caso dos transportes rápidos, os “aquis” se sucedem com tamanha facilidade, que ritmos temporais e espaciais distintos se interpenetram na experiência diária.

Lidamos, portanto, de forma desatenta com instrumentos e artefatos que, a despeito de sua crescente complexidade técnica, tornam-se ferramentas de uso corriqueiro. Esses artefatos, em graus variados, fazem-nos acolher, gradualmente, mais e mais ausências, o que tinge os territórios de experiência com uma espécie de fantasmagoria, segundo uma formulação particularmente feliz empregada por Giddens (1991)⁴. São essas as duas dimensões de invisibilidade a que nos reportávamos, mas há outras.

Chow (2006) lembra que é ainda mais raro pensarmos na afinidade entre essas operações diárias mediadas pela técnica e o holocausto atômico, por exemplo. A emissão da bomba, conforme a evocação por parte de Chow de outro ensaio escrito por Heidegger (2008a), intitulado “A coisa”, é o ápice de processos iniciados há bastante tempo, bem antes da guerra. Trata-se de movimentos progressivos no seio da ciência moderna no sentido da constituição de uma atitude de objetivação que culmina em manifestações de “fanatismo tecnológico” (CHOW, 2006, p. 28), como as explosões nucleares no Japão. Por fanatismo tecnológico, entende-se o uso radical e mortífero da tecnologia; é o próprio objetivismo, com suas consequências, que assimilamos nas coisas que fazemos e experimentamos por meio da técnica.

Convém, com base nessa asserção, fazer referência a Husserl (2004), que, pouco antes de Heidegger, buscava indicar o recalamento do mundo sensível na

⁴ Giddens (1991, p. 29, grifos do autor) afirma: “em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais *fantasmagórico*: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles”.

atitude objetivista, eixo da crise epistemológica e ética denunciada por ele nas ciências e nas sociedades europeias às vésperas do segundo conflito mundial.

Husserl identifica um processo progressivo de matematização nas ciências naturais que vai da incorporação da geometria à expansão de princípios físico-matemáticos expressos em fórmulas. No ápice dessa marcha, o trabalho científico ocorre, prioritariamente, no âmbito da idealização matemática, onde se geram questões a serem verificadas pelo físico experimentador. A teoria, cuja primazia vai se firmando, é, então, testada em laboratório. A arte de mensurar as coisas, que há muito tempo incitara um pensamento geométrico teórico, encontra-se soterrada sob vários estratos de objetivação, no estágio atual do desenvolvimento científico. Portanto, na condição atual, é a matemática pura que orienta o processo indutivo, possibilitando, inclusive, o trabalho com formas que talvez jamais se tornem acessíveis à nossa experiência sensível, mesmo que mediada por equipamentos de longo alcance e precisão. Um ponto central na análise realizada por Husserl envolve, justamente, o delineamento da tarefa de revelar uma cadeia de esquecimentos ligada à tecnicização, denominação dada à história de atividades idealizantes sedimentadas ao longo do desenvolvimento da física matemática.

Conforme o movimento institucional da práxis científica, nem mesmo o cientista precisa compreender plenamente a sucessão de acontecimentos que vai do nascimento à consolidação da atividade idealizante. O próprio cientista lida, portanto, com ausências, no sentido que Giddens (1991) empresta a este termo. Ele se lança ao trabalho de pesquisa contando sempre com os instrumentos teóricos e tecnológicos à sua disposição em um certo momento histórico. Daí a necessidade, segundo Husserl (2004, p. 34), da “conversão do olhar” implicada no trabalho histórico, que se constitui em uma prática de memória das consequências contínuas da idealização matemática e de seus desdobramentos culturais⁵.

⁵ Esta exigência histórica parece adquirir importância renovada. Que se pense no contexto da inteligência artificial, na tendência de codificar todo tipo de dado em uma representação puramente digital-vetorial, com o propósito, no limite, de representar todo o mundo segundo vetores matemáticos (JOLER; PASQUINELLI, 2020).

Heidegger complementa estes aportes. Segundo o filósofo, as ciências modernas possuem um modo específico de representação da natureza, encarando-a como “um sistema operativo e calculável de forças” (HEIDEGGER, 2008b, p. 24). Os fenômenos são determinados de antemão pelas ciências da natureza como “grandezas espaço-temporais de movimento” (HEIDEGGER, 1994, p. 104). Só assim eles podem ser representados como fenômenos naturais, sendo que tal determinação é plenamente realizada na mensuração e no cálculo matemático. É apenas nessa perspectiva objetiva que “um fenômeno natural pode tornar-se *visível* como tal” (HEIDEGGER, 1994, p. 104, grifos nossos). Disso se conclui que a física moderna é experimental não porque dispõe de aparelhos e ferramentas, mas pelo fato de que, como pura teoria, leva a natureza a *expor-se* como um sistema de forças cuja confirmação se dá na experimentação. Heidegger (2008a, p. 144) toca no caráter histórico e progressivo da disposição da natureza como sistema calculável de forças pelas ciências, ao escrever: “O homem não percebe o que, de há muito, já está acontecendo, e está acontecendo num processo, cujo dejetivo mais recente é a bomba atômica e sua explosão, para não falar na bomba de hidrogênio”.

Para Chow (2006), de uma perspectiva estritamente científica, Hiroshima e Nagasaki serviram como testes para a análise da destruição atômica, para além da imaginação científica. A bomba de plutônio, de funcionamento mais complexo em comparação à de urânio, fora testada em 16 de julho de 1945 no Novo México, nos EUA, em espaço militar. Menos de um mês se passara quando, em agosto de 1945, a bomba foi lançada sobre Nagasaki, três dias depois do primeiro artefato atômico, uma bomba de urânio, ter sido atirado sobre a cidade de Hiroshima. Segundo Sayle (1995 *apud* CHOW, 2006, p. 100), nenhuma decisão positiva fora tomada por parte dos estadunidenses, inclusive pelo presidente, na época, Harry Truman, a respeito da utilização das bombas sobre o Japão, mas apenas a resolução negativa de “não interferir em um processo iniciado anos antes, em circunstâncias bem diferentes”. No espaço militar do Novo México, o que fora submetido a experiência consistia no artifício atômico; restava testá-lo em “um alvo real” (CHOW, 2006, p. 99).

O sobrevoo do mundo no olhar científico

Tratamos até aqui, instigados pelo texto de Chow (2006), da dinâmica de invisibilidade e de esquecimento, ou de desatenção, atrelada à assimilação das etapas de desenvolvimento da tecnociência e dos dispositivos criados por ela. Para prosseguirmos, convém destacar que, para a autora, em seu esforço crítico de memória, a bomba sumariza, no domínio da guerra, uma história de invenções na qual possui particular importância o desenvolvimento de tecnologias representacionais, principalmente de tecnologias do ver (*technologies of seeing*). É preciso, com efeito, compreender as afinidades entre a guerra e a visão, além do modo como estas, por sua vez, se entrelaçam à cosmovisão das ciências. Começemos por esta última, indagando a forma de percepção promovida pelo pensamento científico.

Com o intuito de nos mantermos próximos aos movimentos de Chow (2006), cumpre recorrer novamente a Heidegger, mais especificamente às reflexões do filósofo em torno da imagem do mundo concebida pela ciência. Em *A época das imagens de mundo*, Heidegger (1994) afirma que nenhum período anterior aos tempos modernos produziu um objetivismo comparável ao do novo pensamento científico. Não se pode, contudo, esquecer, diz ele, “o jogo necessário e recíproco entre subjetivismo e objetivismo” (HEIDEGGER, 1994, p. 115). A ciência objetiva depende de que a verdade seja atrelada à certeza da representação, como já se constata na obra de Descartes. O sujeito torna-se, portanto, a referência de fundação das formas de ser e da verdade dos entes. Na representação pelo sujeito, o ente alcança uma constância como objeto. Representar, ou conceber uma imagem, como quer Heidegger, que vincula o “ser-representado do ente” ao caráter de imagem que se impõe ao mundo, é colocar o ente diante do sujeito, fixá-lo em um sentido preciso e torná-lo algo sobre o que o sujeito é capaz de se orientar. Heidegger (1994, p. 117) escreve: “O ente em sua totalidade é, pois, alcançado agora de tal maneira que ele apenas é verdadeiramente um ente na medida em que é determinado

e fixado pelo homem na representação e na produção”. Eis uma análise que diz respeito à autorreferencialidade moderna, da qual fala Chow, e que instala a visão no centro do problema da objetivação. De acordo com a autora, “o processo de objetivação (visual)” torna-se indispensável para a compreensão e a posse (*grasping*) do mundo, de modo que o entendimento se revela inseparável do ato de ver, “de uma certa forma imagética [*of picturing*]” (CHOW, 2006, p. 30).

O sujeito passa a ocupar, ainda segundo Heidegger (1994), uma esfera de medida para o domínio da totalidade dos entes. Por isso, ao passo que o mundo é disposto como objeto, a própria visão objetiva do mundo se ergue como problema, exigindo uma teoria do sujeito. O objetivismo nos ajuda, portanto, a compreender o significado do sujeito moderno, que vê segundo a determinação. O sujeito moderno permite, por sua vez, que se apure o sentido do objetivismo como visão do mundo, cosmovisão (*Weltanschauung*), objetiva e determinista.

Pode ser útil analisar o enlace do sujeito e do objeto modernos numa *visão* do mundo baseada em aportes devidos a Merleau-Ponty. O filósofo, que se ocupa do tema da percepção ao longo de toda a sua obra, caracteriza a imagem científica do mundo por meio da ideia de um olhar de sobrevoos e começa seu ensaio intitulado *O olho e o espírito* (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 15) com as seguintes palavras:

A ciência manipula as coisas e renuncia habitá-las. Estabelece modelos internos delas e, operando sobre esses índices ou variáveis as transformações permitidas por sua definição, só de longe em longe se confronta com o mundo real. Ela é, sempre foi, esse pensamento admiravelmente ativo, engenhoso, desenvolvido, esse *parti pris* de tratar todo ser como “objeto em geral”, isto é, ao mesmo tempo como se ele nada fosse para nós e estivesse no entanto predestinado aos nossos artificios.

Este pequeno parágrafo é repleto de elementos importantes, todos a reverberar aspectos já mencionados por Chow, Husserl e Heidegger. Que se destaque, contudo, a caracterização da ciência como “pensamento ativo”, posto forjar uma forma de tratar qualquer ente “como objeto em geral”. Nessa atitude deliberada da ciência que é, ao mesmo tempo, esquecida como atitude, ou seja, como visão ou forma de olhar, o mundo é confrontado cada vez mais de longe. A essa postura das ciências diante das coisas Merleau-Ponty (2013, p. 17) denomina “pensamento de sobrevoos”.

Em regime de pensamento de sobrevoos, compromete-se o caráter experiencial das coisas com as quais nos deparamos no mundo e, mais profundamente, a própria estrutura da experiência, que, conforme nos mostra Merleau-Ponty (1999), na *Fenomenologia da percepção*, é fundada em nossa corporeidade e na temporalidade. Como pensar a unidade de um objeto qualquer, sem considerar seu apelo à “mediação da experiência corporal”, pergunta o filósofo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 235). Podemos separar as coisas das “condições efetivas” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 274) sob as quais elas nos são dadas? Um dos exemplos a que se refere o filósofo envolve a percepção de um simples cubo, com suas seis faces quadrangulares iguais.

Constata-se que o cubo em sua inteireza é invisível. Podemos pensar no cubo, mas não podemos deixar de nos posicionar no espaço para fazê-lo: na sua superfície, ou fora dele, é desde alguma perspectiva que o vislumbramos, mesmo em imaginação. O que faz uma análise reflexiva, sustentáculo do pensamento científico? Segundo Merleau-Ponty, tal análise afirma “a significação presuntiva do objeto, sem perguntar-se como ela entra em nossa experiência”. Defrontamo-nos, uma vez mais, com o esquecimento da experiência das coisas por meio de um pensamento do objeto absoluto. O autor afirma então: “querendo sobrevoar o objeto, pensá-lo sem ponto de vista, ela [a análise reflexiva] destrói sua estrutura interna” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 275).

A atitude de sobrevoos, própria da ciência, pensa resolver uma contradição aparente envolvida em nossa experiência, ao optar pela certificação da existência do mundo, ao invés de seu inacabamento, e, pela ubiquidade da consciência, em vez do seu engajamento. Tal discordância repousa no fato de que se, por um lado, nenhuma perspectiva que temos do mundo esgota-o, se sempre restam horizontes abertos a configurar uma síntese que jamais se acaba, por outro lado, alguma determinação é possível, posto reconhecermos as coisas e sermos capazes de indicá-las e de enunciá-las aos outros. Como no caso do cubo: mesmo acessando-o sempre de uma perspectiva qualquer, o cubo apresenta-se como totalidade ao sujeito da percepção. Seriam, portanto, a crença na coisa e no mundo a presunção de uma síntese completa? A contradição apenas existe se “operamos no ser”, diz Merleau-Ponty. Caso passemos a operar no tempo, veremos que “[a] síntese de horizontes é essencialmente temporal”, quer dizer, ela se confunde com o próprio movimento do tempo.

Por meu campo perceptivo, com seus horizontes espaciais, estou presente à minha circunvizinhança, coexistindo com todas as outras paisagens que se estendem para além dela, e todas essas perspectivas formam em conjunto uma única vaga temporal, um instante do mundo [...]. E, ao mesmo tempo, essa ubiquidade não é efetiva, ela é manifestamente intencional. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 443)

A paisagem que nós vemos anuncia as que se encontram mais adiante, ainda que de forma indeterminada, e o longínquo nos é dado apenas com um “estilo abstrato” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 382). Engajada em um campo de presença, a consciência manifesta, pois, sua forma de ubiquidade. Não é preciso escolher entre a existência do mundo e o seu inacabamento, entre o engajamento e a ubiquidade da consciência. Mas, se se quiser subtrair da consciência sua posição e sua temporalidade, é todo o senso de percepção, de memória e de realidade que acabam por se enfraquecer. Na condição

de sobrevoo do mundo, opera-se, ao menos idealmente, o acabamento da síntese, a definição da coisa e do mundo e a explicitação dos horizontes espaço-temporais, modificando-se, com isso, nosso senso de realidade. Merleau-Ponty (1999, p. 445) escreve: “se sou sempre e estou em todo lugar, não sou nunca e não estou em lugar algum”.

A guerra e a visão

Antes de avançarmos, convém realizar uma recapitulação do que foi trabalhado até aqui. Partimos, com base em Chow (2006), da ideia de que as bombas nucleares lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, ao término da Segunda Guerra Mundial, possuem um valor epistêmico a ser analisado continuamente. Uma das questões levantadas pela autora, e debatidas por nós, diante da agressão nuclear estadunidense contra o Japão, diz respeito à infiltração dos feitos da ciência no cotidiano. Por meio dos artefatos tecnocientíficos utilizados de forma desatenta, podemos configurar uma experiência de afastamento em relação a territórios e ações. Em que medida o afastamento que experimentamos das coisas possui relação com a práxis científica? Eis um problema que perpassa nossa argumentação e que buscamos investigar. As máquinas que utilizamos tornam-se invisíveis; com base nas possibilidades das máquinas e de sua invisibilidade, os territórios de ação também. Acolhemos ausências, fantasmagorias. Outro invisível, ou impensado, dessa condição moderna é a afinidade de toda técnica com as bombas nucleares, ou seja, a ligação entre a técnica e o seu horizonte de radicalização, ao que Chow se refere como fanatismo tecnológico. Seguindo a menção da autora a Heidegger, enveredamos pela fenomenologia, com o intuito de examinar tais questões. Recorremos, também, a Husserl, que trata do recalçamento do mundo sensível na atitude objetivista e do esquecimento, pela própria ciência, da história de atividades idealizantes, sedimentadas ao longo do desenvolvimento científico. Vimos que o retorno à experiência,

pela ciência, na forma da experimentação, visa ao teste da compreensão dos fenômenos naturais concebidos como um sistema calculável de forças.

As bombas nucleares, como lembra Chow, eram artefatos tecnocientíficos que precisavam ser experimentados em alvos reais. Há algo, no entanto, na ideia de alvo. A autora pressente bem isso. A ideia de alvo problematiza uma forma de ver, uma estrutura da experiência, presente não apenas nas ciências em geral, mas principalmente na ciência militar, cujos achados revertem em novas experiências de guerra e de vida cotidiana. Com Heidegger, ainda seguindo as indicações de Chow, vemos que a concepção moderna de sujeito é perpassada pela necessidade de justificar a imagem objetiva do mundo oferecida pela ciência moderna. Ao tratar da imagem do mundo, Heidegger invoca uma forma de perceber.

Diante da ideia de percepção, fomos a Merleau-Ponty, que caracteriza a atitude científica como pensamento de sobrevoos. Trata-se de uma forma de visão que alcança o mundo cada vez mais de longe, mesmo que almeje conhecê-lo em todos os seus detalhes. Tem-se, nessa forma de perceber, uma reconfiguração da experiência mediante a depreciação de nossa condição corpórea e temporal. Pode-se afirmar, com base em Merleau-Ponty, que o pensamento científico induz, ao menos idealmente, à concepção da existência explícita do mundo e da ubiquidade da consciência, descerrando um senso alternativo de realidade. Esta “sensibilidade” de sobrevoos deve estar contida, de um modo ou de outro, em cada artefato tecnocientífico.

A imagem merleau-pontiana do sobrevoos vincula-se bem à presença de tecnologias representacionais, com destaque às tecnologias do ver no domínio das estratégias militares contemporâneas. Dos aviões de bombardeio da Segunda Guerra Mundial ao uso recente de drones em conflitos militares, o sobrevoos adquire especificidade não apenas em sua ligação com o conhecimento, mas pelo fato de o objeto representado tornar-se um alvo. A propósito, o título do texto de Chow (2006), *The age of the world target*, é uma

paráfrase do título em inglês do artigo de Heidegger sobre a ciência moderna e a imagem do mundo: *The age of the world picture*. Para a autora, é preciso complementar a ideia de Heidegger e dizer que, na era das bombas, o mundo tornou-se não apenas uma imagem, mas um alvo, passando a ser concebido e alcançado desta forma. Quais os desdobramentos disso? Sabe-se que foi durante a Segunda Guerra Mundial que se inauguraram as grandes operações de bombardeio aéreo. Além do lançamento das bombas atômicas sobre o Japão, são muito lembrados os bombardeios de Londres pelos nazistas, que utilizavam as famigeradas bombas V1.

O bombardeio aéreo, como observa Chow, mostrou-se um método superior, mediado pela visibilidade, para assegurar a destruição eficiente dos alvos. A guerra, a partir de então, passou a ser concebida em torno da ideia de gerar a máxima visibilidade e iluminação, com a finalidade de causar a máxima destruição. W. J. Perry, secretário de defesa dos EUA na gestão Clinton, resume o pensamento que orienta estratégias militares com armas de precisão da seguinte forma, em frase mencionada por Chow (2006, p. 31): “desde que você pode ver o alvo, você pode esperar destruí-lo”. A estudiosa lembra, contudo, que os bombardeios nucleares serviram como o limiar de uma nova era de conflitos militares e políticos, em que se renovou a articulação entre percepção e destruição. A bomba atômica criou um efeito geral de intimidação, confundindo as fronteiras entre guerra e paz, e tornando indissociáveis as tecnologias de guerra das práticas de paz. Multiplicam-se os modelos dessa mistura. Não apenas aviões e navios podem ser utilizados para transporte civil e para fins militares; dicotomia parecida pode ser observada no que concerne ao enriquecimento de urânio, às pesquisas em microbiologia, que podem servir à produção de armas químicas e biológicas e, mais recentemente, à utilização de drones e da própria internet, para ficarmos em poucos exemplos. As considerações de Chow (2006, p. 32) ressaltam, todavia, as “logísticas da percepção”, no interior dessa dinâmica de embaralhamento, e apontam para a expansão da atitude de sobrevoou, no sentido da virtualização da experiência.

A competição entre os EUA e a União Soviética no pós-guerra, a chamada “Guerra Fria”, é um bom exemplo desse processo de virtualização. Em vez de confrontos físicos e mecânicos entre grupos opostos, consistiu em um combate de admoestações calcado no estoque de armamentos de destruição em massa e na representação do poderio mediante ostentação e exibição de imagens. Testes e paradas militares, representações da guerra e do poderio armamentista no cinema hollywoodiano, além de intervenções diretas circunscritas a áreas-alvo são alguns dos elementos de um processo que atrela poderes de visibilidade e controle político, sem que seja necessário o rompimento da normalidade cotidiana (CHOW, 2006), ao menos nos países detentores do domínio militar. Dá-se, com isso, o que Chow (2006, p. 34) chama de “normativização da guerra”. Ou seja, a guerra, com seus aparatos e estratégias, é integrada à vida, passando a fazer parte da própria normalidade, tornando-se uma “condição de possibilidade da sociedade” (CHOW, 2006, p. 34).

Em nossos dias, a utilização de drones, artefato não analisado por Chow, e da internet, na esfera militar, reforça a lógica do “ver-como-destruição” (CHOW, 2006, p. 34), além de conjugar aqueles dois importantes aspectos destacados anteriormente: a virtualização da experiência e a normalização da guerra. Os drones são sistemas armados não tripulados; fazem parte de uma robótica militar. Os operadores de drones do exército dos EUA podem controlar seus aparatos desde o seu país, para atuarem em ações realizadas a milhares de quilômetros de distância, como no Afeganistão ou no Paquistão, onde se realiza a “guerra ao terror”. Segundo Holmqvist (2013), estima-se que, entre 2004 e 2012, mais de 3.000 pessoas tenham sido mortas pelo exército norte-americano no Paquistão, em ataques por drones. Em 2011, no Afeganistão, o mesmo exército estadunidense realizou, aproximadamente, 40 ataques por noite, em operações secretas que integravam drones, para prender ou matar alvos previamente identificados. Tais operações, batizadas de *nigth raids of targeted killings*, combinavam análises para identificar os inimigos, manobras com drones

que pudessem rastreá-los e localizá-los, fixando os alvos e equipes de combate incumbidas de capturá-los ou assassiná-los. O processo de rastreamento das miras militares envolvia, ainda, a utilização de nano e biotecnologia, para o estabelecimento de assinaturas bioquímicas e biométricas dos indivíduos-alvo, sem contar as estratégias voltadas a outro tipo de alvo: a população civil dos países atacados, potencialmente revoltosa diante da invasão militar contínua. Campanhas de reforço de estruturas de governança, com o fito de evitar insurgências nas regiões das operações, foram constantemente realizadas, principalmente no Iraque e no Afeganistão (HOLMQVIST, 2013).

Ataques mortíferos à distância parecem virtualizar a guerra ao menos para um lado do conflito (HOLMQVIST, 2013). O *outro* é destruído, enquanto o operador do drone permanece instalado em segurança em algum lugar dos EUA. Neste contexto, Chow (2006, p. 35) afirma: “o elitismo e agressividade da visão panorâmica estavam de mãos dadas com controle à distância e a destruição instantânea dos outros”. Os efeitos da atividade militar excedem os combates, agora realizados nas sombras. É grande o impacto nos corpos e na experiência de civis, direta ou indiretamente, tocados pelos assaltos militares, de modo que a vida das pessoas comuns do Paquistão, do Afeganistão e do Iraque, por exemplo, torna-se progressivamente mais precária (CHOW, 2006; HOLMQVIST, 2013). No solo, no território tocado pelos combates, “[...] a guerra permanece atada ao corpo, ao labor manual, aos desastres fortuitos caindo dos céus” (CHOW, 2006, p. 35).

A guerra virtual é menos virtual do que parece, igualmente para aqueles que encarnam o olho militar. Holmqvist (2013) menciona a grande incidência de distúrbio de estresse pós-traumático em operadores militares de drones. Há diferentes tipos de visão e de imagem com que convivem esses soldados, da vigilância aérea de grandes campos até a micro-visão dos combates. Neste último caso, os operadores estão expostos a imagens de matanças em alta resolução e têm acesso constante a detalhes de sinistros, como o

destróçamento de corpos, que dificilmente seriam captados pelos olhos humanos com tamanha minúcia e frequência. Além do senso de proximidade com as tropas in loco, os operadores veem mais.

Quando se fala, portanto, em virtualização da experiência, o que se tem não é o enfraquecimento da experiência, mas a sua reestruturação em relação aos eixos de tempo e espaço. Neste sentido, quaisquer que sejam os dispositivos técnicos e sociais de percepção, cabe sempre perguntar, conforme vimos com Merleau-Ponty (1945), como se articulam, no campo de experiência, nossa alocação corpórea e o seu horizonte, a presença das coisas e o que se manifesta nelas como aquilo que vem depois, ou além delas? A experiência mediada pela atitude de sobrevoo permanece sendo experiência social do mundo.

Retornando à experiência do olhar dos operadores de drones militares, tem-se uma conjugação de distanciamento e proximidade atrelada ao que se vê e como se vê. O operador olha o campo militar mediante um aparato semelhante aos videogames. Chow (2006) lembra, inclusive, esta dimensão preocupante que alia a virtualização do mundo à integração da guerra na vida cotidiana: desde a guerra do Golfo, em 1991, tem-se grupamentos de soldados norte-americanos acostumados, quando adolescentes, a jogar videogames. Esta menção aos jogos eletrônicos não deve ser compreendida de modo simplista. É preciso considerar, primeiro, que os videogames possuem uma “qualidade *imersiva*” (HOLMQVIST, 2013, p. 542, grifos da autora), de modo que atraem os jogadores para o jogo virtual. É isso que os torna potentes, constituindo-se na razão pela qual são utilizados no treino de operadores de drones. O fluxo de vídeo advindo dos veículos aéreos possui a mesma qualidade imersiva dos videogames para os operadores, com a diferença fundamental de que, em segundo lugar, o operador, mesmo que o seu aparato de guiamento de drone delinee parâmetros de virtualidade, possui em seu campo de presença uma realidade inalienável. A distância dos acontecimentos representados no

vídeo não apaga sua dimensão factual. Aquela realidade, por mais que seja cercada de fantasmagorias em função da distância e da máquina, permanece compondo um contexto de participação, capaz, inclusive, de chocar.

A internet, que nos serve de passagem à problematização de outro gênero de bombardeio, o de informação, que é uma peça central nessa dinâmica de virtualização da experiência e de normalização da guerra. Por ora, no que diz respeito à web, gostaríamos apenas de fazer menção, via Chow (2006, p. 35)⁶, ao que Robert J. Stevens – chefe executivo da *Lockheed Martin Corporation*, empresa que serve ao estado norte-americano na área militar – chama de “vista do olho de Deus’ [*God’s-eye view*] da batalha”. O executivo refere-se, com esta expressão, à intenção dos EUA de criar sua própria internet para guerras futuras, de modo a permitir, por exemplo, que comandos e tropas, inclusive as que se movem em solo, tenham acesso a imagens da movimentação dos inimigos. A aproximação da internet, com a possibilidade de o sujeito abandonar seu lugar e assumir a ubiquidade divina, é reveladora do significado dessa inovação tecnológica. É a atitude de sobrevoo, própria do objetivismo, que se manifesta nela, com todas as suas implicações para o exercício da nossa corporeidade e para a virtualização da experiência. Dispositivos computacionais, assim como as teorias científicas, tendem a consolidar uma perspectiva abstrata, uma “visão desde lugar algum”, que se acomoda comumente como “o ponto de vista do poder” (JOLER; PASQUINELLI, 2020, p. 16). O uso da internet na guerra expõe, justamente, a dimensão de radicalização encerrada nela, que acolhe, inclusive, a dicotomia entre aquele que olha e o seu alvo.

A cosmovisão nos regimes de atenção

Com base em Chow (2006), é possível colocar em questão, portanto, a imbricação do olhar de sobrevoo das ciências, das tecnologias do ver de

⁶ Chow (2006) encontra a informação no artigo intitulado “Pentagon envisioning a costly internet for war”, de Tim Weiner. *New York Times*, em 13 de novembro de 2004.

aplicação militar e dos dispositivos de imagem com os quais convivemos diariamente. Nesse contexto, que abrange as estratégias de comunicação contemporâneas, o tema examinado pela autora deve ser analisado não apenas com base nas suas concepções científica e militar, mas também comercial.

Nesse sentido, uma primeira constatação se impõe: os perdedores da Segunda Guerra Mundial também participam do jogo de normalização da guerra e da tecnologia de guerra. Chow (2006, p. 34) lembra que o Japão do pós-guerra, impedido de realizar avanços militares, “especializou-se na promoção de ciência e tecnologia para a ‘paz’ e para a consolidação de uma sociedade ‘democrática’”. A produção de bombas e mísseis deu lugar, então, à produção de carros e de artefatos de alta tecnologia, como câmeras fotográficas e de vídeo, e computadores. Entre as empresas japonesas de carros e de equipamentos tecnológicos que se tornaram mundialmente conhecidas, podemos citar: Honda, Toyota, Nissan, Hitachi, Toshiba, Sony, Sanyo, Nikon e Mitsubishi. O Japão reuniu-se, portanto, ao vencedor e a outros países asiáticos – sempre “super-visionados” pelos EUA – em uma nova competição: “a competição para bombardear o mundo com um tipo diferente de implosão – informação” (CHOW, 2006, p. 34).

A guerra, neste contexto, adquire outra conotação, ou melhor, se converte em uma nova modalidade, a “guerra de virtualização do mundo” (CHOW, 2006, p. 34), de modo que novos aparelhos tornam-se equipamentos de combate. Para Chow (2006, p. 34), participamos dessa disputa “[...] quando usamos – sem pensar – monitores de televisão, controles remotos, telefones celulares, câmeras digitais, PalmPilots, e outros dispositivos eletrônicos que preenchem os espaços da vida cotidiana”. O que a autora tem em mente é o fato de consumirmos, junto com outras formas de mercadoria, guerra e violência por meio das tecnologias de comunicação. Não notamos, diz ela, o quão estranho é ouvir notícias sobre calamidades, enquanto tomamos o café da manhã, ou

como, justapostos a comerciais de televisão, acessamos relatos de estupros, de torturas e de genocídios.

A análise de Chow (2006) reporta-se a cenários diários da vida contemporânea, nos quais informações descontextualizadas e em excesso – o novo “bombardeio” a que alude a autora – deixam de despertar cuidado e atenção profunda, gerando, em vez disso, insensibilidade diante da violência, em um quadro de dispersão da atenção, sempre envolvida com diversas outras coisas ao mesmo tempo. Gostaríamos de destacar a questão da atenção com base na lógica exposta por Chow, do *self* e do *outro*, daquele que detém o poder de olhar e daquele que é o seu alvo. As questões em torno de uma ecologia da atenção (CITTON, 2014) deverão, nesse sentido, nos ajudar a desenvolver este último tópico. Tudo indica que vivemos, no cenário neoliberal, em meio a uma guerra pela atenção das pessoas, concebidas como consumidoras, eleitoras, enfim, como público-alvo de variadas estratégias políticas e econômicas.

A atenção vem sendo tematizada desde o início deste trabalho. Falamos da falta de atenção com que nos dedicamos aos artefatos tecnológicos; falamos também do olhar científico e do olhar militar, que opera distinguindo alvos. Já se nota que o problema da atenção não se restringe ao âmbito da caracterização de nossas funções cognitivas e posturas comportamentais, ou ao modo que assumem os objetos quando são percebidos atentamente. A atenção, e tudo aquilo que cerca o seu desenvolvimento, bem como a falta dela, realiza-se no bojo de um ecossistema repleto de ressonâncias sociais e de dispositivos culturais, institucionais e técnicos. Boullier (2014) e Citton (2014) falam em regimes de atenção para se referirem a modalidades de atenção induzidas por dispositivos e relações sociais de grande escala, principalmente os relacionados a sistemas midiáticos baseados em mecanismos de imagem. Em termos gerais, trata-se de tentar compreender como a atenção individual é “sobre determinada por dispositivos supra individuais” (CITTON, 2014, p. 67), o que caracteriza abordagens da atenção com pretensões ecológicas.

Boullier (2014), neste contexto, propõe, de forma esquemática e referida às sociedades capitalistas contemporâneas, quatro grandes regimes de atenção: a fidelização, o alerta, a projeção e a imersão. Os regimes de fidelização e de alerta compõem um eixo do esquema proposto por Boullier. São polos opostos que caracterizam, de um lado, a produção de atenção sob a forma de um estado estratificado, rígido, baseado na captação durável da atenção – como no caso da fidelidade religiosa e dos dispositivos comerciais, em que técnicas de marketing criam interiores protegidos no seio de uma mesma marca. Do outro lado, no polo do alerta, tem-se uma condição constante de estresse baseada na produção incessante de atrativos destinados a criar brechas na “*imunidade* construída pela fidelização” (BOULLIER, 2014, p. 97, grifos nossos). O estado de alerta apoia-se na produção de múltiplos sinais de advertência e de captação da atenção, como no caso dos anúncios imprevisíveis que invadem as telas de nossos computadores, os e-mails que nos chegam aos montes ou as explosões que se fazem ouvir em um filme de ação. O regime de alerta é o que predomina atualmente, a partir da forma de sensibilização ao mundo, encaminhada pelas mídias de massa (CITTON, 2014).

O outro eixo do esquema apresentado por Boullier (2014) é composto pela projeção e pela imersão. Estes elementos permitem analisar mais do que o tipo de captação da atenção e o seu caráter temporal, durável na fidelização e instantâneo no alerta. Coloca-se em questão a posição dos agentes no conflito da captação da atenção, o que dialoga perfeitamente com a problematização do mundo como alvo. Boullier (2014, p. 100) resume os regimes de projeção e de imersão da seguinte forma:

Na projeção, o agente ocupa o terreno e focaliza o mundo em torno da sua visão, do seu modelo, dos seus referentes, fazendo o mundo dobrar-se à sua imagem, em uma lógica de reprodução de sua herança para colonizar novos territórios. No caso da imersão, o agente encontra-se tomado e se deixa capturar, abaixando sua barreira imunitária [...].

Para Citton (2014), essa maneira de descrever a dinâmica da projeção e da imersão circunscreve duas formas de sensibilidade: uma cuja tendência é filtrar estímulos com base em critérios próprios projetados sobre o ambiente, e outra que, ao invés de encontrar, no meio social, objetos e formas habituais, está aberta ao desconhecido e à possibilidade de gerar novos critérios de apreciação. Em nosso entendimento, a dinâmica da projeção e da imersão vai, além disso, principalmente por descrever, na figura da projeção, uma estrutura política de percepção, capaz de caracterizar o olhar daquele que se interessa por estabelecer as condições de percepção para o outro, “ocupando o terreno”.

As produções de Boullier (2014) e de Citton (2014) apresentam-se no contexto do debate crítico em torno de uma economia da atenção. Esta diz respeito, fundamentalmente, ao valor atribuído às coisas pela sua visibilidade e ao fato de que, ao longo do tempo, se estabeleceram operações de medida da atenção bastante eficazes. Sobre a questão do valor e da visibilidade, Citton (2014, p. 79) escreve:

Independentemente da forma com que um quadro, um programa televisivo ou um jogo de videogame podem afetar meus sentidos, minha memória e meus comportamentos, eu “trabalho” olhando-os (*to look is to labor*), na medida em que meu olhar contribui para o valor que eles tiram da sua visibilidade.

O valor comercial atribuído à visibilidade apenas se concretiza mediante o estabelecimento de uma forma de medição homogênea da atenção, capaz de transformar este modo de atividade humana em moeda de troca. É o que fazem os mais variados índices de audiência, cada vez mais aperfeiçoados e viabilizados pelas interfaces informáticas. Da tiragem de jornais e da bilheteria dos cinemas, à monitoração de audiências radiofônicas e televisivas e à contabilidade de visitas a sites de internet, aprimorou-se a possibilidade de “tratar a atenção como uma forma de capital” (CITTON, 2014, p. 86).

Há ainda outro ponto essencial numa economia da atenção. Não se trata simplesmente, em um capitalismo atencional, de observar como os agentes econômicos modulam espontaneamente suas escolhas em função dos produtos disponíveis. Instaura-se um sistema robusto de limiares, filtros e portais destinados, por um lado, a pré-selecionar as informações que os agentes econômicos efetivamente levam em conta e, de outro, à emissão de sinais cuja finalidade é atrair a atenção. Tem-se, no texto de Citton (2014, p. 89), quando se dedica a delinear esse grande dispositivo de atração da atenção, uma analogia com a esfera militar. O autor fala em “corrida aos armamentos atencionais”, visto que, quanto mais uma sociedade comercial se mediatiza, mais ela deve consagrar-se à produção da demanda.

O agente da demanda não é, contudo, apenas um consumidor; ele é também produto, matriz energética e agente de trabalho, conforme deixa entrever a menção de Citton (2014) ao labor implicado na percepção de um quadro ou de um programa televisivo. No capitalismo atencional, mais amplamente reconhecido como parte de uma economia do conhecimento (*knowledge economy*), não se trata apenas de atrair a atenção e de vendê-la na forma de uma colheita de atenção, considerada como um produto, uma *commodity*, ou mesmo de revendê-la a anunciantes (WU, 2017). Os novos dispositivos de imagem, calcados em aprendizagem automática (*machine learning*), a chamada inteligência artificial, tornam possível o que vem sendo considerado um novo extrativismo, que abarca o olhar, a atenção, os dados pessoais e o próprio comportamento do usuário em relação ao aparelho e seus programas. A ideia do olhar como trabalho tem sentido aqui de duas formas. Primeiro, o comportamento visual, e tudo que o acompanha, alimenta sistemas virtuais baseados em algoritmos de aprendizagem, capazes de se aperfeiçoar com base em nossas respostas aos sistemas⁷. Sem a nossa atividade, profundamente encarnada, o sistema de classificação, filtragem e

⁷ Cumpre indicar que as principais arquiteturas algorítmicas utilizadas em sistemas de inteligência artificial têm sua origem não apenas em corporações do norte global, mas igualmente em agências militares (JOLER; PASQUINELLI, 2020).

predição automática perderia sua principal fonte informacional (CRAWFORD; JOLER, 2018; JOLER; PASQUINELLI, 2020). Em segundo lugar, o olhar é “força constitutiva de sentido social” (BUCCI, 2021, p. 22). Os olhantes estabelecem, para outros olhantes, o sentido dos signos, das imagens e dos discursos postos em circulação como mercadorias. Pode-se dizer, com base em Bucci (2021), que o capital compra olhar social, sem pagar quase nada por ele.

Disso resulta a constatação de que a atenção que pertence a nós não é assunto privado. Ela é observada pelos outros (FRANCK, 2014); ela é alvo. A atenção é, portanto, capturada numa política da visão estruturada conforme o modelo autorreferencial, identificado por Chow, tanto na lógica originária do conhecimento ocidental, quanto no campo militar e nos estudos de área. Tem-se um circuito de mira (*targeting*), ou de captura do outro, que “consolida a onipotência e a onipresença do ‘eu’/‘olho’ soberano” (CHOW, 2006, p. 41)⁸. O militar, o acadêmico, o especialista, bem como os produtores da mídia de massa e os engenheiros de artefatos, de programas de imagem e de inteligência artificial, colocam-se nessa posição, que converge com o modo projetivo, caracterizado por Boullier (2014).

Conforme o sociólogo, o regime da projeção é bem conhecido, posto coincidir com preceitos modernos que visam fixar o espírito em torno de um programa, ou de um projeto, do qual a ideia de projeção surge. O autor resume a cultura da projeção na seguinte passagem, que parte de uma “projeção militar”:

A projeção militar como a projeção visual pressupõem não se deixar afetar e devem, então, organizar a atenção de tal forma que ela ignore todos os sinais do ambiente que poderiam afetar o observador, o decisor etc. Constituir-se como centro é a condição para toda posição estratégica, e é impossível pretender-se estratégia se se pensa no interior, quer dizer, já capturado no mundo

⁸ A autora brinca com as palavras e refere-se ao “eu’/‘olho’ soberano” com o “I”, pronome pessoal no inglês, cujo sentido vale pelo self e, segundo a sonoridade da pronúncia, igualmente pelo olho (*eye*).

que se conquista, que se modifica, que se modela, que faz o objeto da nossa atenção. Convém, ao contrário, estar pronto a dobrar todo o ambiente diante deste projeto, desta visão. A arte da projeção reenvia a uma potência técnica bem conhecida, mas é necessário acrescentar a ela a capacidade de focalizar a atenção pela coordenação de todos em torno de um único ponto de vista. (BOULLIER, 2014, p. 100-101)

As reflexões de Boullier (2014) não se referem apenas à conformação de uma atenção centrada em seus próprios modelos, e que, portanto, somente vê aquilo que deseja ver. A definição do regime projetivo parte da figura de um observador-decididor, conquistador, colonizador, que, mediante o “cálculo das desejabildades” (BOULLIER, 2014, p. 101), faz com que outros sujeitos, os colonizados, orbitem uma visão coordenada. É possível, inclusive, conceber os processos de aprendizagem automática das máquinas de imagem atuais como um instrumento de observação, cuja representação final sustenta-se em um viés algorítmico, uma coordenação, portanto, que, ao comprimir a informação, engendra igualmente difração e perda de diversidade (JOLER; PASQUINELLI, 2020).

Ao tratar do regime de imersão, marcado pela condição de abertura às possibilidades de um cenário perceptivo qualquer, aparentemente sem amarras, Boullier dá o exemplo dos jogos de videogame, caracterizando-os como ambientes imersivos, na direção do que vimos com Holmqvist (2013). A questão que nos interessa e que diz respeito aos regimes atencionais é o olhar daquele que se ocupa do design deste ambiente imersivo. Mediante técnicas que combinam, para o jogador, elementos dos regimes de alerta (estresse), de fidelização (duração) e de imersão (atenção multifocal), os desenvolvedores dos jogos de videogame buscam manter as pessoas ocupadas com o produto e seus acessórios, o que se faz captando sua atenção. Há, portanto, toda uma agência por trás da tela da TV, do computador ou do smartphone, dispositivos que também medeiam os jogos, a gerar um espelho assimétrico: quem olha

para a tela é, em grande medida, alvo daquele, ou daquilo, que se oculta por detrás dela, incluindo-se os sistemas de aprendizagem automática.

Convém mencionar que a palavra tela possui uma longa genealogia e comporta importantes variações, já presentes na alegoria da caverna de Platão (CARBONE, 2019). Nesta, há uma parede que funciona como uma tela na qual os prisioneiros da caverna veem projetadas as imagens dos objetos que se encontram atrás deles e que não podem ser vistos diretamente. Há, contudo, outra parede, atrás dos prisioneiros, uma espécie de parapeito, que encobre os homens envolvidos com a maquinaria da caverna. A palavra grega utilizada para designar esta estrutura protetora é *teikhion*, que bem pode ser aproximada à ideia de tela, no sentido daquilo que cerca e protege, que serve como defesa.

Considerações finais

Amparados no livro de Rey Chow (2006), *The age of the world target*, principalmente no capítulo que dá nome à obra, buscamos realizar um exercício que, na esteira do movimento da autora, fosse centrado na análise de políticas da visão. O ponto de partida adotado por Chow, e ressoado por nós, é a inquirição do valor epistêmico das experiências militares atômicas realizadas pelos EUA no final da Segunda Guerra Mundial.

Chow (2006), como vimos, fundamenta-se na passagem do olhar objetivo das ciências ao olhar que alveja, ou seja, que identifica alvos e age sobre eles. A estrutura da autorreferencialidade, base da epistemologia ocidental, parece carregar uma disposição hostil, de dominação, em relação ao objeto do conhecimento, o *outro*. Ao mesmo tempo em que se configura agressiva, a postura objetiva é distante; olha de longe, mesmo quando se atém aos detalhes dos fenômenos que estuda. Neste caso, é a existência explícita do mundo que interessa, e não a sua fisionomia vivida. Esta estrutura de experiência

faz-se presente igualmente na ciência e na práxis militares. A exploração das tecnologias do ver associadas ao domínio da guerra embaralha o olhar científico de sobrevoos e o exercício de mira militar. Podemos pensar que o uso militar do sobrevoos desvela o próprio olhar científico como um olhar que alveja.

Outros dois elementos importantes no texto de Chow, aos quais buscamos nos ater, são a virtualização do mundo e a integração da guerra na vida cotidiana. A virtualização repousa na atitude de sobrevoos, que se embrenha no nosso dia a dia, por meio do uso distraído que fazemos dos artefatos técnicos que povoam nossos cenários diários, principalmente os dispositivos de imagem.

No que diz respeito à normalização da guerra, destaca-se não apenas o fato de as atividades militares fazerem uso de recursos invisíveis, mas o de se constituir, no mundo contemporâneo, uma competição cognitiva, de natureza informacional, igualmente estruturada em torno de alvos. Esta foi a brecha para que esboçássemos uma análise crítica em torno de uma economia da atenção capaz de possibilitar a discussão dos dispositivos de imagem com os quais convivemos, com base no regime de projeção militar. Em se tratando de políticas da visão, os problemas relativos à atenção merecem reflexão. Neles, o olhar é envolvido numa posição dupla e assimétrica: naquela que conquista e naquela que, fascinada ou surpresa, põe-se à disposição do estímulo afetante. É crescente a quantidade de estudos referentes à atenção no contexto da era neoliberal da informação (CITTON, 2014; GRANDJEAN; LOUTE, 2019; HANNAH, 2013; WU, 2017). Muito esforço ainda é necessário para que transitemos de uma economia da atenção a uma política, ou mesmo uma ética, da atenção.

Referências

BOULLIER, Dominique. *Médiologie des régimes d'attention*. In: CITTON, Yves (Org.). *L'économie de l'attention*. Paris: La Découverte, 2014. p. 84-108.

BUCCI, Eugênio. *A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CARBONE, Mauro. *Ver segundo o quadro, ver segundo as telas*. Caxias do Sul: Educs, 2019.

CHOW, Rey. *The age of the world target: self-referentiality in war, theory, and comparative work*. Durham-London: Duke University Press, 2006.

CITTON, Yves. *Pour une écologie de l'attention*. Paris: Éditions du Seuil, 2014.

CRAWFORD, Kate; JOLER, Vladan. Anatomy of an AI system: the Amazon Echo as an anatomical map of human labor, data and planetary resources. *AI Now Institute and Share Lab*, 07 set. 2018. Disponível em: <http://anatomyof.ai>. Acesso em: 23 ago. 2021.

FRANCK, Georg. Économie de l'attention. In: CITTON, Yves (Org.). *L'économie de l'attention*. Paris: La Découverte, 2014. p. 55-72.

GIDDENS, Antony. *As consequências da modernidade*. Tradução: Raul Filker. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

GRADJEAN, Nathalie; Loute, Alain. *Valeurs de l'attention: perspectives éthiques, politiques et épistémologiques*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2019.

HANNAH, Matthew. Attention and the phenomenological politics of landscape. *Geografiska Annaler*, London, v. 95, n. 3, p. 235-250, 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1111/geob.12023>. Acesso em: 31 mar. 2018.

HEIDEGGER, Martin. A coisa. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e conferências*. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2008a. p. 143-164.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e conferências*. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2008b. p. 11-38.

HEIDEGGER, Martin. L'époque des "conceptions du monde". In: HEIDEGGER, Martin. *Chemins qui ne mènent nulle part*. Tradução: Wolfgang Brokmeier. Paris: Gallimard, 1994. p. 99-146.

HOLMQVIST, Caroline. Undoing war: war ontologies and the materiality of drone warfare. *Millennium: Journal of International Studies*, v. 41, n.3, p. 535-552, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0305829813483350>. Acesso em: 15 fev. 2021.

HUSSERL, Edmund. *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale*. Paris: Gallimard, 2004.

JOLER, Vladan; PASQUINELLI, Matteo. The Nooscope manifested: artificial intelligence as instrument of knowledge extrativism. *KIM HfG Karlsruhe and Share Lab*, 01 maio 2020. Disponível em: <http://nooscope.ai>. Acesso em: 23 ago. 2021.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. Tradução: Paulo Neves; Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

WU, Tim. *The attention merchants: the epic scramble to get inside our heads*. New York: Vintage Books, 2017.

Recebido em: 10 de junho de 2021
Aprovado em: 06 de setembro de 2021